

Roque Jacintho

Fabiano de Cristo



O Peregrino da Caridade

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Livro: Fabiano de Cristo

O Peregrino da Caridade

Autor: Roque Jacintho

Editora Luz no Lar Ltda.

Revisão: Orlando Parolini

Ilustração e Capa: Renato Mello

Coordenação: Godofredo Joaquim do Norte

2ª Edição

DIANTE DO SOL DO AMOR

Estas são páginas do coração.

Menos que uma biografia, são apontamentos de uma vida inteiramente entregue à vivência da caridade, por alguém que abriu um rasgo de luz entre as trevas da Terra e as estâncias celestiais.

Aqui temos alguns traços de nosso Fabiano de Cristo, para servir-nos de guia para a prática da virtude de todas as virtudes: a caridade. Leia-as, como as anotamos: com toda a sua alma generosa!

**Agradecendo a inspiração de:
Bittencourt Sampaio e
Dr. Bezerra de Menezes**

I
ANTES
E
DEPOIS

Antes era José de Anchieta.
Juntamente com Manoel da Nóbrega,
fundara São Paulo.
Percorrera toda a Terra da Santa Cruz, peregrinando a favor dos selvagens
e levando-lhes as noções da caridade que aprendera a praticar com o
Cristianismo puro, em seu coração juvenil.
Na Espiritualidade voltara a rever Portugal..
De retorno à nova experiência física, era
agora Barbosa.
Jovem e pobre, numa numerosa família,
ouvia falar do Brasil.

De navio, coração pleno de ambições, voltou à Terra da Promissão,
sentindo que pisava num solo já antes conhecido.
Fez-se comerciante, enriquecendo!
A fortuna lhe sorria com amplas facilidades.
Socorreu os familiares distantes.
Atendeu a muitos necessitados.
Houve um momento, porém, em que o que possuía não lhe bastava, por não
corresponder aos anseios indefinidos de seu coração inquieto.

Barbosa ansiava pelo desconhecido! Haveria alguma coisa a mais, além do
ouro!

Se, para o homem comum, preso às coisas da Terra, ele já era alguém que
se realizara, para a sua alma que ardia por coisas que não conseguia definir,
ele estava com tudo por fazer.

A sua verdadeira missão não começara ainda.
Mal sabia, aquele que fora Anchieta, e que agora era Barbosa nesta
reencarnação, que a voz de Paulo de Tarso estava a convocá-lo para os
grandes vôos da alma:

*“— Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se eu não
tivesse caridade seria como o meta! que soa ou como o sino que tine. E
ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda
a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira que transportasse os
montes, se eu não tivesse caridade, nada seria”.*

2
**È A MIM
QUE SOCORRES**

Quase noite.

Pelas vielas de terra, o comerciante Barbosa segue pensativo. Já atendera a família distante, remetendo-lhe muitos recursos amoedados.

Que lhe resta fazer?

Há um vazio em sua alma!

Como que despertando, vê os transeuntes se fazendo ao largo, desviando-se de um corpo inerte que estava se confundindo com o pó do chão.

Aproxima-se e, vendo o caído a estertorar, abaixa-se.

Há sinais de sofrimento intenso naquela fisionomia.

Recolhe-o em seus braços e enxuga-lhe o suor abundante.

— Amigo, — diz-lhe compassivo — nada temas!

Barbosa sente, de súbito, uma estranha luz a iluminar-lhe o coração. Os olhos do desconhecido se abrem muito e alguns sons são articulados.

— Caí. .. vítima..., de assaltantes!

— Virás comigo!

Levando-o a uma estalagem, presta-lhe socorro.

Altas horas da noite, quando a febre cresce em intensidade, Barbosa o escuta falar em viva e doce voz:

— Barbosa, amigo! Eis que me tens contigo!

Quem és?

— Sou aquele a quem serves, desde muitos séculos! Voltaste a procurar-me, após te cansares de juntar os bens da Terra. E me encontraste, onde sempre há um pedaço de minha alma: no coração de cada aflito.

Uma pequena pausa, e a Voz continuou:

— Que fazer, meu filho? Voltar a servir-me! É preciso que me encontres onde houver a dor. E voltaremos a rever-nos sempre e para sempre!

“Em cada lágrima que enxugares, em cada coração que apascentares, em cada dor que suavizares, será a mim que estarás socorrendo.

“A hora é de juntares, de novo, tesouros no céu!”

— E... quem és, afinal? — indaga Barbosa.

— Eu sou o Cristo, a quem servirás e que voltei a buscar-te!

Dos olhos daquele comerciante caíram duas lágrimas.

— Hoje, encontrei de mim, uma parte. E outras encontrarás, cada vez que abrires a alma para acolher os sofredores. E, no final, me terás por inteiro e estaremos juntos a serviço do Pai.

— Que devo fazer Senhor?

— Para teres a vida eterna, dá tudo que tens e segue-me!
E era já um novo dia, com sol alto, quando Barbosa deixou a hospedaria.

3

NOITE DE DECISÃO

A noite não era de insônia.

Nos pensamentos de João Barbosa ainda ressoavam as palavras que ouvira, através do homem a quem prestara assistência fraternal. O convite para renunciar os bens da Terra ainda estava vivo em sua audição.

Isso, porém, não lhe soava estranho e nem inquietante.

Adormeceu.

Remetendo-se para a Espiritualidade, vê uma figura singela e intensamente luminosa, revestida de um hábito franciscano, acercando-se amigavelmente e a lhe sorrir.

— Francisco de Assis! — balbuciou Barbosa, caindo de joelhos.

— Se teu coração anseia amparar os aflitos, venhas comigo!

— Antes... devo distribuir os bens da Terra.

O “pobre de Deus” sorriu brandamente.

— Deverás, a partir de agora, voltar a entesourar os bens da vida eterna, Barbosa. Assim, completarás a coroa da vida, que já te espera, com o Senhor. Servirás aos que sofrem, com o Evangelho vivo do Mestre Jesus. Barbosa ouvia atento e com naturalidade.

— Não mais peregrinarás pela Terra do Cruzeiro. Permanecerás num único recanto e lá edificarás o reino de Deus em teu coração, por acendê-lo nos corações que te buscarem.

Tomando a mão do jovem, fazendo-o levantar-se, complementou:

— Para que operes com tranqüilidade e perseverança, os mais singelos cargos te serão confiados, para onde irás. Neles, dulcificarás o teu coração, educando as tuas palavras, os teus ouvidos, cultivando a paciência e a resignação. Sofrerás em teu corpo, para libertares o teu espírito.

Corno que abrindo o véu do porvir, complementou:

— Em teus braços recolherás os que choram e clamam por misericórdia. E tua bandeira terá uma única palavra: CARIDADE.

A visão se desvaneceu.

Barbosa despertou.

Em sua memória se fixou o Convento de Santo Antônio, ali mesmo no Rio de Janeiro, onde deveria renovar, docemente, as suas noções de autoridade.

4

NO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO

Barbosa, já de hábito franciscano, pés descalços, fixava o superior do Convento de Santo Antônio.

— Recebemos teu dote, Barbosa! Sei que distribuístes todos os teus bens e que, por último, nos buscaste!

— É certo, senhor! Quero aprender a servir...

O superior o fitava atento, não escondendo a admiração.

— Queira Deus abençoar-te! Despe-te das roupas brilhantes dos salões do mundo e das ruas, para adotares hábitos mais que singelos de um franciscano. Sabes que viverás na pobreza e pelo voto da pobreza.

— É o que mais desejo!

— E teu novo nome será Fabiano de Cristo, por teres renunciado a tudo, inclusive a tua origem, para servir ao Cristo.

— É o que espero, senhor.

— Filho, não terás aqui aquilo a que te acostumaste no mundo. A tua vida será outra vida! E, sabes também, que pela tua pouca cultura, serás um irmão leigo. Servirás, portanto, como porteiro de nosso recanto, para receberes a todos os que nos busquem.

— Sinto-me feliz por isso!

— Não terás mais quem te sirva e nem alguém que te obedeça ordens, porque deverás ser um servo de todos.

— E serei o último dos servos.

O superior, comovido com a inocente e sincera humildade daquele moço que renunciara a sua vida comum do mundo, envolve-o com um olhar de imensa ternura.

— Sejas bendito, entre os que servem.

Acompanhado por outro irmão da ordem franciscana, o agora Fabiano de Cristo foi conduzido para tomar posse da portaria e conhecer detalhes de suas funções humílimas.

Ali começaria o seu exercício de amor ao próximo.
Como porteiro, aprenderia a doar-se integralmente aos que sofrem, buscando em cada um deles uma parcela do Senhor, que já lhe falara pela voz daquele que caíra sob o assalto, numa das ruas da cidade.
Quando só, diante da porta, duas lágrimas desceram de seus olhos e ele sentiu, sobre o seu ombro, num envolvimento celestial, a mão amiga de seu patrono, Francisco de Assis, que lhe envolvia toda a alma.

5

O ESCRAVO FORAGIDO

Noite alta.

Batidas nervosas estremecem a porta do convento, levando Fabiano de Cristo a apressar os passos para abri-la.

— Sinhô, me salve!

Cai no chão um escravo negro. Fabiano abaixa-se e o recolhe nos braços. Sente-lhe a febre, no primeiro toque.

O negro, porejando e ardendo em febre, mal consegue falar.

Advinha-se um foragido de uma senzala próxima.

— Tenha dó de mim... — suplica exausto.

Nas mãos de Fabiano, que lhe sustentavam naquela hora, a marca do sangue, que vertia das costas lanhadas por alguma chibata impiedosa.

— Acalma-te, filho!

— Tô fugindo! Não agüento mais...

— Estás numa casa de Deus!

Nos olhos do escravo rebrilhavam a humilhação e a súplica. Ali não existia o mal, porém somente os traços do sofrimento e da dor profunda.

— Aonde queres ir? — indaga Fabiano.

— Quero... voltar pra minha gente! — ele roga, entre lágrimas.

Fabiano, em tom ponderado, considera:

— Todos viemos do Pai Celestial e, onde estivermos, estaremos entre

irmãos, filhos do mesmo Criador Divino. Quem sabe, filho, Deus não te destinou para ajudares a construir um mundo novo, onde se instalará o reino da esperança e do amor?

O escravo o olhou feito de espanto.

— Não te esqueças — prosseguiu amavelmente Fabiano — de que Jesus, para trazer-nos a doutrina da redenção, também se fez escravo dos homens cruéis e escolheu a Cruz do sofrimento, para com seu próprio sangue libertar-nos de nossos pecados.

O escravo arfava já com serenidade.

— Confia no Senhor! Não fujas de teus encargos, porque o Senhor confia em ti e te ampara. Sofres, por certo, mas para ti o Senhor abre os braços, dizendo-te: Bem-aventurado és, tu que choras, porque serás consolado.

— Volto..., à senzala?!

E onde poderias ser mais livre? Não fujas das obrigações árduas que a vida te oferece a teu próprio benefício. Nelas terás as tuas realizações espirituais, mesmo que debaixo de uma chuva de lágrimas e humilhações. Não tens um reino na Terra, mas o terás no céu.

— Mas... e a minha fuga!?

— Intercederei por ti, junto de teu amo. Direi que te recolhi em febre e quase loucura e te devolvo em boa e nova saúde.

E, quando Fabiano o ergueu do duro chão, já não havia febre e nem revolta... e o lanhado das costas já não vertia sangue, porque já eram cicatrizes de um calvário glorioso.

6

SOLUÇÃO DIVINA

O casal se retaliava já há algum tempo. Acusações de um contra o outro chegavam até Fabiano de Cristo que os ouvia, enquanto orava aos céus pedindo ajuda para tranquilizar aqueles dois corações que se feriam impiedosamente.

Eles, porém, pareciam indiferentes ao que lhes ia à volta.

— Não há outra solução, para este inferno! Quero separar-me, porque já não suporto esta vida! — vociferou o marido.

— E os filhos? — indagou Fabiano.

A indagação foi água no incêndio.

O casal silenciou constrangido.

De olhos baixos, a mulher confidenciou:

— Jamais tivemos filhos!

— Aí está a maldição de Deus para o nosso casamento — resmungou o marido a lamentar-se.

Fabiano de Cristo, compreendendo o drama, os envolveu em maior carinho:

Meus caros, o lar que não conta com um filho, por certo é ainda mais abençoado por Deus. Sabendo o Pai Celestial, a dor que advém da ausência de um filho, Ele ampara mais a esses que sofrerão pela não maternidade.

Os dois se prenderam em atenção.

— Mas... um filho nos seria a mensagem de paz e a causa para o nosso entendimento! — confessou a mulher.

O entendimento mútuo deve ser fruto do amor, de um para com outro. O filho, fruto desse amor, comparecerá no lar em busca desse alimento divino — esclareceu Fabiano.

O homem, enrubescendo, falou:

— Não podemos gerar filhos. Isso é definitivo. Deus nos excluiu do “crescei e multiplicai-vos” e, em razão disso, nosso lar jamais será abençoado.

— Quem sabe — responde Fabiano — se os céus não lhes reservam uma tarefa maior do que aquela de ter os seus próprios filhos?

— Que tarefa? Que tola consolação é essa? — indagam os dois ao mesmo tempo.

Passos, contudo, interrompem o diálogo.

— Irmão Fabiano! — diz um outro frei, chegando ao grupo. — Vem ter comigo! É urgente!

Fabiano levanta-se, pede licença e se afasta.

O casal, em silêncio, vê os dois se afastarem, confabulando em voz sussurrada, seguindo ambos na direção à porta de entrada.

Poucos minutos depois, Fabiano regressa e diz ao casal:

— Creio que os céus ouviram a minha súplica e, neste momento, abençoa os vossos corações.

O casal se entreolha sem entender.

— O irmão que me chamou está a trazer-vos a solução de vossos corações angustiados.

O outro frei, já se aproximando, traz nos braços um punhado de roupas e, aproximando-se da mulher, coloca-lhe no colo.

— É a justa resposta dos céus! — diz Fabiano e, num movimento, põe a descoberto, no colo da mulher, por debaixo das roupas, uma criança recém-nascida que haviam abandonado na porta do convento.

— É... É... nosso filho! — rompe em lágrimas o casal, ambos abraçados à terna criança que, em os olhando, se pôs a chorar.

O JOVEM POSSESSO

Fabiano de Cristo interrompeu a limpeza do chão, ao ouvir altas vozes em discussão, na entrada do convento.

Alcançou a porta e a abriu.

Um frei altercava com um homem idoso.

— Fora os dois! Fora daqui com esse endemoniado!

— Pai Fabiano, ajude-me — pediu o velho, assim que viu Fabiano de Cristo surgir à porta. Ajude-me, pelo amor de Deus!

— Fora daqui — insistia o outro frei, irreduzível. — Nesta casa de Deus, não entra o demônio, no corpo de um menino!

O garoto possesso se contorcia no chão.

— Irmão — diz Fabiano dirigindo-se ao outro frei, num tom conciliador — Deus não teme demônios! Lembremo-nos, por outro lado, que Jesus disse: “Deixai vir a mim as criancinhas”.

— Não criancinhas com o demônio no corpo!

— Jesus, quando assim falou, não disse se elas viriam em sorrisos ou em dores!

Houve um momento de admiração.

— Entra, meu amigo, e traz teu filho em paz! — complementou Fabiano, antes que o outro frei voltasse do espanto que o tomara.

Todos entraram.

O pai arrastava o menino, seu jovem filho, amarrado por fortes cordas para contê-lo. E o jovem estertorava, gritava, agitava-se medonhamente.

Cai o pai de joelhos, aos pés de Fabiano.

— Livra meu filho do demônio!

O olhar de Fabiano se derramava, pleno de compaixão, sobre o jovem lunático e, além de fitá-lo, num clima de piedade infinita, vai a seu encontro, calmo e seguro.

O jovem, em convulsão, afasta-se, grita, trazendo um mundo de curiosos para observá-lo, entre cétricos e amedrontados pelas conseqüências do fato incomum naquela comunidade.

— Desata teu filho! — ordena Fabiano.

— Não! Ele é perigoso... Pode ferir-te!

Abençoa antes! — roga o pai aflito e temeroso.

— Desata-o, eu te ordeno!

Receoso, mas obediente, o pai liberta o jovem das cordas.
Num salto violento, o possesso atira-se ao lado de Fabiano, com espuma na boca e fogo nos olhos:

— Maldito! brada em alta voz, avançando contra Fabiano, com punhos cerrados e ameaçadores.

— Criatura de Deus, sejas bendita! Estamos na casa de nosso Pai, onde nascem todas as esperanças de amor e redenção! — diz-lhe Fabiano, recolhendo-se em serena oração. — Ores comigo!

Fabiano está todo voltado para o Mais- Alto.

Enquanto o jovem reluta, treme, geme, brada ameaças contra todos — espalhando o medo nos circunstantes que tomam distância — Fabiano revive, na tela de sua imaginação, o Mestre Jesus, junto ao lago de Genesaré, a dialogar com uma legião de Espíritos dementados pelo mal. Dos olhos de Fabiano vertem lágrimas de piedade.

Encolhe-se junto de Fabiano de Cristo, recolhendo o calor de suas preces. Sacode a cabeça, como quem desperta de um longo pesadelo.

O jovem, espantado, olha à sua volta.

— Meu pai — diz o jovem — onde estamos?

O velho pai, banhado em lágrimas, diz-lhe apenas:

— Aos pés de um santo de Deus!

8

DESPEDIDA

— Pai Fabiano! — prorrompe André, enlaçando-o num abraço profundo e apertado.

— Vim despedir-me!

Uma pausa e completou:

— Eu não poderia partir, sem te abraçar por uma última vez! Sabes que te devo a saúde...

Fabiano sente algo mais naquele abraço.

Era a sensação de dor indefinível, dessas que nascem da alma.

— Vais viajar?

— Sim! Uma viagem sem retorno a esta região onde fui feliz, mas onde sofro, agora, uma dor sem remédio!

— E viajas por seres infeliz?

— Que me resta aqui, pai Fabiano? Além de teu coração paternal, nenhum outro encontrei que me desse compreensão. Cansado, partirei desiludido, e assim não farei mais ninguém infeliz.

— Mas... te despedes para sempre?

Para sempre! Tomarei novos caminhos...

— Há caminhos, porém, meu filho, que são traiçoeiros desvios que podem conduzir-nos a maiores sofrimentos ainda. Se a vida te pesa aqui, como será essa vida amanhã?

— De tudo me livrarei!

— Também, um dia, pensei em livrar-me de muitas coisas, André.

Descobri, porém, que ninguém se livra de si mesmo, salvo, quando se esquece de si, para viver pelos outros. Há, por isso, partidas que nos levam para o bem, fazendo desabrochar virtudes adormecidas em nossos corações e há aquelas que nos arrojam a despenhadeiros insondáveis.

— Partirei para onde não haja mais amarguras e, talvez, nem felicidade.

— Queres te anular, para esquecer?

André hesitou, mas confirmou:

— Creioque sim!

— Antes de partires, ajuda-me a dar conforto a um velhinho cego na enfermaria, que as forças me faltam hoje. Levarás, assim, para onde fores, uma lembrança inesquecível, que talvez te faça recordar de nossa amizade! O jovem relutou visivelmente.

Fabiano, tomando-o pelo braço, qual faz um pai com o filho relutante, quase o arrastou na direção da enfermaria.

Os dois estavam diante do modesto leito.

— Juvenal! — chama brandamente Fabiano.

— Oh! meu doce paizinho — prorrompe o velho a tatear o ar com as mãos, em busca do amigo que estava quase a seus pés.

— Voltas a ver-me!

— Como estás agora, meu bom Juvenal?

Mais sereno, pai Fabiano! Nesta noite interminável de minha cegueira, somente agora comecei a ver o sentido da vida. Tenho, assim, revisado cada um de meus dias.

E rogo a Jesus a oportunidade de reparar todos os males que pratiquei.

— Queres viver muito, Juvenal?

— Oh! Sim! Preciso viver muito, se Deus o permitir, porque os pecados de minha indiferença por todos, me atiraram numa completa solidão e amargura.

O velho agora chorava, através de seus olhos cegos.

— Eu queria abraçar meu filho que, diante de meus destemperos e dos maus-tratos, abandonou esta vida pela porta do suicídio. Até ontem julguei que esse meu pecado seria sem perdão. Esta noite, no entanto, o filho me veio visitar. Pude vê-lo novamente e ele me contava de sua dor espiritual, porque a vida continua no Além.

André, ao lado de Fabiano, estremeceu.

— Ele não sabia, pai Fabiano, que embora bruto, grosseiro, selvagem que sempre fui, eu o amava e, por temor de perdê-lo, eu me tornava agressivo, aparentando indiferença.

— Deixo-te, por ora, Juvenal, na companhia de nosso André, que te ajudará a alimentar-te. Ele, também, veio despedir-se de todos nós, para buscar regiões ignoradas de seu coração.

Fabiano, afastou-se, deixando ambos em estreito convívio.

Duas horas mais tarde, André saiu da enfermaria com a fisionomia refeita e, dirigindo-se a Fabiano, lhe diz:

— Até amanhã!

— Não partes mais?

— O além talvez não seja a região ideal para fugir da vida, se atrás ficarem os que choram por amar-nos tão profundamente. Além disso, amanhã tenho um encontro com um pai que não tem filho e que precisa de alguém para guiá-lo na cegueira em que aprendeu a ver e me fez luz.

— Fazes bem! O suicídio não é um porto de chegada, mas a travessia de uma grande tormenta. É o princípio de todas as dores e de tormentos infindos, porque a vida é eterna para nós. Afinal, há sempre os que nos amam, cada um a seu jeito, e é preciso entender a linguagem do amor.

O FEITOR DE ESCRAVOS

Sol tropical, alto e ardente.

O feitor de escravos sua abundantemente. Abaixa a cabeça e passa a testa sobre o braço, querendo enxugar a fronte febril.

— Olha o siô Silva — alerta um dos escravos, aos demais que estavam trabalhando. — Ele não está bem!

Mal terminara de falar, Silva desaba no chão.

Houve um instante de compreensível hesitação.

Poucos, daqueles que ali estavam, desconheciam a força de seu chicote disciplinador, trazendo marcas no lombo. Natural, pois, que evitassem qualquer precipitação.

O primeiro que se atreveu a aproximar-se, gritou:

— Ele está morrendo!

Em segundos, sem mais pensar, tomaram-no sobre os ombros e desceram o morro, em quase desabalada correria, na direção do Convento de Santo Antônio, onde sabiam poder contar com Fabiano de Cristo.

— Sinhô Fabiano! — corre um deles, na frente a rogar por socorro. — Ajuda aqui, sinhô Fabiano!

Fabiano, arrastando a perna enferma, chega com a moringa de água na mão e uma caneca, pronto a prestar o socorro mais eficiente que conhecia.

— O Silva passa mal! — informa um dos escravos mais velhos, num tom de comovente piedade. — Faz por ele o que faz por nós, pai Fabiano.

Fabiano enche o caneco com água da sua moringa.

Dirige-se a um dos escravos, que sabia o mais sofrido e revoltado e diz:

— Dá-lhe de beber! E pede a Jesus, de todo o teu coração, que lhe mantenha a vida.

— Mas... ele já me bateu tanto!

— Bem por isso, filho! Mostra a Deus, agora, que perdoas a quem te persegue e te faz sofrer. Revela, com teu gesto, que não trazes rancor dentro de tua alma.

O escravo rendeu-se a Fabiano.

Levantou ligeiramente o corpo do feitor e fê-lo beber daquela água que sabia abençoada por Fabiano e que o próprio Fabiano lhes servia na porta do Convento, quando por lá passavam.

Aquela água era do poço que Fabiano abrira com as suas próprias mãos para dessedentar os escravos que passavam pela porta do convento e que lhes restabelecia as forças, a saúde e a esperança.

Silva sentou aturdido.

Olhava, olho no olho, aquele que lhe prestava assistência, em hora tão crítica, qual se estivesse sendo partejado para uma nova vida dentro de sua amargosa existência, marcada pela brutalidade física.

O escravo sorriu-lhe atencioso, dizendo:

— Graças a Deus!

Silva, apoiando sua mão naquele ombro suarento, iniciava a caminhada de volta, assim como quem se ampara num benfeitor muito querido.

E Fabiano retornava, mais ao longe, para a portaria do convento, arrastando a perna enferma.

10

A CONFISSÃO DE UM CRIME

Fisionomia transtornada, ele sussurrou:

— Eu... matei um homem!

Qual se aquela afirmação reprimida, agora confessada, lhe franqueasse as portas da angústia longamente represada, o infeliz verteu lágrimas de remorso e desabafo.

Cabeça baixa, prosseguiu a custo:

— Meu crime foi acidental! Uma briga, por razão fútil e sem testemunhas. E ele caiu sobre o meu punhal! A toda hora estou a vê-lo diante de meus olhos, a tremer na curta angústia e me destilando ódio pelo seu olhar.

Fabiano ouvia com delicadeza.

— Não bastasse essa desgraça, outra pessoa está sendo acusada pelo crime que cometi. Isso me leva até a loucura, por não saber o que fazer!

E soluçou baixinho.

— Fugi da justiça humana, temendo ser incompreendido. Dói-me, porém, a consciência, qual se uma outra Justiça, de que não posso fugir, estivesse a pedir-me a reparação do ato!

Nova pausa.

— Quanto mais penso, mais sofro! O infeliz que tomaram em meu lugar é um pai de família, sobrecarregado de obrigações. Sempre foi muito infeliz, pelo que soube! Obrigado a tomar empréstimos, era devedor daquele a

quem matei. Por essa dolorosa coincidência é que o tomam por autor do homicídio, nada valendo os seus protestos de inocência.

Respirando fundo, amargurado segue:

— Hoje, silenciar seria, responder, perante Deus, por dois crimes: o da morte accidental, de que me recrimino, e o do destino de um inocente e das desgraças que já desabam sobre os seus familiares.

Nervosamente, estalando os dedos, prossegue:

— Como me sentirei depois? Como suportar uma dupla culpa? Já tenho entrevisto, em minhas noites de insônia, os olhos tristes daquelas criancinhas, a suplicarem-me por amparo e a me acusarem do silêncio igualmente covarde e criminoso.

Levantando-se:

— Não suporto! Não me suporto!

Seguiu-se uma pausa longa e indeterminada, com Fabiano envolvendo a atormentada criatura em orações silenciosas.

— Sinto-me aliviado, por ter desabafado, Fabiano. E que me tenhas ouvido, embora em silêncio. Assim escutei, também, a voz de minha própria consciência.

Levantou-se para sair.

— Vou confessar meu crime! É que, não me dizendo nada, dizes-me tudo, fazendo-me assumir as conseqüências de meu desatino.

Ele beija as mãos de Fabiano:

— Bendito sejas, pela tua sabedoria!

11

ULTRAJE

Sentia-se ultrajado.

Era matar ou morrer, vingando a sua honra.

Decidira-se, afinal.

Ajusta um reluzente punhal a cintura, com uma idéia homicida.

Sabe onde está o rival e partirá para a desforra.

Aturdido, envolto por pensamentos terríveis e antevendo o quadro da

morte, seguirá para o endereço de seu desafeto, sem mais tardança.
No caminho, passa pelo portão do Convento de Santo Antônio.
Como será matar ou morrer, sente necessidade de pedir amparo divino para aquela louca empreitada e rogar a Deus o ajude no que considera, a sua justa vingança.

Bate à porta e o frei o acolhe com ternura.

Ele se ajoelha, diante do religioso, e pede a sua bênção.

Quando a mão do frei lhe toca a cabeça febril pelo ódio em que se devora, ouve-se um estalido seco. E o punhal, partido em dois, cai no chão rústico do templo.

Ele estremece.

Retira-se o frei, em respeitoso silêncio.

O homem, agora estático, sua por todos os poros.

Como que desperta de um terrível pesadelo.

Sopresa a sua anterior decisão e sente-se arrependido.

Olha à sua volta, e vendo outro religioso, indaga-lhe:

— Quem me socorreu com a bênção que me retirou do mal?

— Ele... — respondeu-lhe o outro frei — é simplesmente o nosso porteiro, Fabiano de Cristo!

12

EM BUSCA DE DOAÇÕES

O superior chamara Fabiano com urgência.

— Sabes — diz-lhe, assim que entra — que a nossa despensa dos pobres está quase vazia. Já chega mais um dia de distribuição de alimentos e quase nada temos para doar- lhes.

Fabiano ouvia atento.

— Como tens um vasto círculo de admiradores, beneficiados pelas tuas intercessões junto aos Céus, creio ser oportuno que a eles recorras, pedindo-lhes contribuições.

— Não posso incomodá-los, senhor! Eu de mim, não prestei benefícios a ninguém. Se houver alguém com o direito de rogar por retribuição, em troca dos benefícios distribuídos, esse único alguém é Jesus.

— Ora... não digo cobrar favores, Fabiano! É que, em verdade, dói-me que alguém nos venha estender as mãos e a recolha vazia.

— Sinto também o mesmo!

— Que tal, então, pedires a qualquer desconhecido?

Fabiano tomou para si aquele encargo.

Era de vê-lo, por muitos dias inteiros, sob o sol inclemente ou debaixo de chuva persistente, a arrastar-se pelas ruas, apoiado em seu bordão, batendo de porta em porta, a pedir esmolas pelos pobres.

Transformou-se num “procurador dos pobres”.

Bem-quisto por todos, era recebido sempre numa festa de corações, por tanta gente que jamais vira antes, mas que o conheciam como o “pai dos pobres”.

Ricos e pobres o acudiam.

Comovia-se, e muito, quando alguém lhe destinava um pequeno valor, que sabia ser migalha repartida da migalha e que ele guardava em separado, dizendo serem aqueles os “óbulos das viúvas”.

Era já um quase fim de tarde.

Bate à porta de uma casa fidalga. Ela se abre, revelando um rosto endurecido e conturbado, que lhe lança um olhar cansado.

— Que queres?

— Sou do convento e venho estender-te a mão...

O homem estava a fechar a porta, contrariado, quando a reabre e solicita com um ar estranho:

— De onde és?

— Do convento!

— Esta voz... — resmunga e depois explode: — És o Barbosa?!

Fabiano sorri e responde:

— O ex-Barbosa!

— Não te lembras de mim? Sou o Ricardo! Barbosa, eu sou o Ricardo! Não te lembras? Já lá se vão mais de vinte anos! E quase não te reconheço nesses trajés!

Os dois se abraçam.

Na sala da casa, Ricardo volta a tomar ares sérios e deposita, na frente de Fabiano, uma grande soma de dinheiro.

— Para os teus pobres.

— Não são meus pobres, mas pobres de Jesus! — redargue Fabiano.

— Que seja! Isto me alivia a consciência — e, em tom de confiança, completa:

— Metade do que tens aí, recolhi numa trapaça, infelicitando um amigo meu! E quero, hoje, finalmente aliviar a minha consciência...

— Não posso aceitá-lo, Ricardo.

— Mas... eu te quero dar...

— Não dás o que é teu! Quem sabe se, aquele de quem tomaste o dinheiro, traz o coração amargurado pelo que lhe fizeste.

Ricardo ouvia admirado.

— Neste caso — prossegue Fabiano — não sou o caminho certo para a reparação do erro praticado. Não é aos pobres de Deus que deves esse dinheiro. Toma-o e voltas para junto daquele a quem prejudicaste e devolve-lhe o que é dele! Somente assim repararás a tua falta e reconquistarás um coração que te quer mal.

Fabiano despede-se com um abraço carinhoso.

Deixa Ricardo imerso em reflexões.

Semanas mais tarde, Fabiano recebe no convento pequeno embrulho e, ao abri-lo, vê-se diante de grande soma de dinheiro acompanhado de um bilhete, onde lê:

“Reconquistei o Amigo que havia perdido. Agora tenho paz. Hoje, envio-te parte do que é legitimamente meu e rogo dá-lo aos pobres de Deus. Tenho orado muito, agradecendo o nosso feliz reencontro, que isso me libertou da tortura mental”.

Fabiano beijou, comovidamente, o bilhete, assim como quem beija o coração de um amigo que estava perdido e que se reencontrou com a Vida.

13

ATENDENDO AOS POBRES

Dia de distribuição de alimentos aos pobres.

A porta do convento, nesses dias, era concorrida como se houvesse uma festividade para os corações desolados, onde encontrariam a alegria da consolação.

O responsável pela distribuição, porém, fora aconselhar-se com o superior, depois do primeiro quarto de hora.

— É preciso chamar a atenção de Fabiano de Cristo — pedia como providência.

— Ele está a perturbar a nossa distribuição, senhor.

— Que fez ele desta vez?

— Ele está lá na enfermaria. Cada pobre que chega, no entanto, ao invés de

recolher os alimentos e voltar para suas casas, pergunta primeiro por ele e vai à sua procura!

— E que querem com Fabiano? — Dizem que falar com ele. Os dois saíram a procurá-lo. Um aglomerado de pessoas, em torno de Fabiano, dificultava alcançá-lo e, com algum esforço, chegaram até ele, ficando sob os olhares expectantes daquela gente simples.

Que fazes? — indaga-lhe o Superior, — Não vês que perturbas a ordem do trabalho?

Fabiano lhes sorri com brandura.

— Nada faço de mal, senhor! Estes pobres de Deus querem abrir seus corações ulcerados pela dor e ouvir palavras de consolação.

— Aos pobres, dá-se alimento — protestou o encarregado, causando um certo mal-estar naquela gente. Fabiano, de imediato, propôs:

— Eles, porém, buscam também o pão da vida. Se lhes falta alguma coisa na despensa, falta-lhes, igualmente, a esperança no coração.

Uma pequena pausa, e informou, como a lembrar-lhes:

— Se o Cristo multiplicou o pão e o peixe para os famintos, antes lhes deu a palavra do reino dos céus!

Olhando para os pobres, como quem olha para irmãos:

— Nada tenho para dar-lhes, de mim mesmo. Falo-lhes, no entanto, das palavras de esperança, recolhidas dos lábios de Jesus, repetindo apenas: Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

“E, como estou diante daqueles que choram, repito-lhes a palavra daquele que veio à Terra por eles”.

Todos estavam atentos.

O superior, entendendo a lição cristã, e lembrando a oração de Jesus, dirigiu-se ao encarregado da distribuição, em tom conciliador:

— Dês o pão que alimenta o corpo e... deixes Fabiano distribuir a todos os aflitos o pão que alimenta o espírito, assim como fez Jesus!

E uma mulher sofrida, abraça e beija Fabiano de Cristo.

EM SONHO

Fabiano ardia em febre.

Na cela, onde se recolhera, a madrugada já lhe chegava. Surpreendia-o, contudo, a remoer pensamentos de desalento, o que lhe era um fato raro.

— Por que, Senhor, estas minhas pernas enfermas? Dispusesse eu do dom de mais saúde, mais te serviria.

E quase numa oração dizia:

— Assim como estou, não posso ir aos sofredores. Sou obrigado a vê-los virem até mim! Será justo obrigá-los a tais sacrifícios?

E um sono, invencível, abate-lhe as reflexões.

Surpreende-se Fabiano em paisagem espiritual. E, de longe, vindo ao seu encontro, uma Cruz de azuleira luminosidade.

Instintivamente, ele se rende de joelhos.

E a Voz lhe indaga:

— Por que clamas contra mim, Fabiano?

Senhor! Não clamo contra vós! Rogo, tão-somente, me deis condições físicas de vos servir melhor!

— Não levantei queixas contra teus serviços! Sigas, pois, amando a teu próximo. Todo aquele que vive a caridade é o que mais serve, com a força do coração.

— É que pensei ir aos aflitos...

— Todos os aflitos te trago, cada novo dia, à porta de teu coração.

Mantém-te aberto para recebê-los e ampará-los em meu nome.

“Lembra-te de que o céu pertence a todos, por herança do Pai Celestial.

Cabe aos herdeiros, pois, buscar o Reino para vivê-lo onde e como estiver.

“O Pai jamais se ausentou dos filhos.

Os filhos é que o abandonaram. Por que, por tanto queres dispensá-los do esforço da procura?

“E, para servir, como estás já basta.

“Se servi ao Pai na cruz, de mãos e pés atados por cravos, como não servires a Deus, com pernas e braços livres?”
“Nem todos os sãos do corpo encontram-se a caminho do meu Reino. Mas recebo, todos os dias, coxos e cegos, surdos e estropiados do corpo, que alcançaram a saúde da alma.
“Queres saúde para desertar do bem?”
Fabiano estremeceu, despertando no duro chão da cela.
Sentiu as pernas e o corpo febris.
Em sua alma, contudo, sentia a primavera da vida eterna.
— Senhor! — murmurou, baixinho e tímido. — Faça-se, neste teu servo, a tua vontade.
A dor e a dificuldade lhe davam ânimo novo.

15

O PARTO DIFÍCIL

Ana entrara no convento, com o recém-nascido no colo.
Recebida, com alguma curiosidade pelo superior, com quem queria falar, dizia-lhe com visível gratidão:
— Agradeço-vos muito, senhor!
— Não te entendo, filha! Que te fiz, para merecer gratidão?
Ela sorri, pensando estar diante da modéstia.
— Há quatro dias, eu quase morria de parto! Desesperada, roguei a Jesus que me enviasse amparo! Pouco depois, pela porta de meus aposentos, entrou Fabiano de Cristo.
— Fabiano... há quatro dias?!

— Ele mesmo, senhor! Disse-me, então, que as minhas preces tinham sido ouvidas. E me assistiu de tal forma, ajudando carinhosamente a parteira, que nasceu meu filho e me salvei também!
O superior mostrava-se admirado, cada vez mais.
— E conhecias Fabiano?
— Só de nome, senhor! Mas, naquele dia, enquanto me atendia, ele me disse que lá estava sob as vossas santas ordens! Por isso, a primeira coisa que faço é cumprir o dever de gratidão.
— Tudo o que me dizes é... impossível!
— Como impossível? — protestou Ana.
— Se até a parteira é testemunha de tudo, como dizeis que é impossível o

que vos digo?

E ela ainda complementou, candidamente:

— E, hoje, venho pedir-vos licença para dar a meu filho o nome desse meu benfeitor, Fabiano!

— Creio que deves pedir diretamente a ele! Mas... isso também é quase impossível, porque já há uma semana, filha, que o nosso Fabiano arde em febre, confinado em sua cela! E de lá, em corpo não saiu!

— Mas... foi ele quem me atendeu!

— Valha-me Deus! — interrompe-a o superior. — Ele não saiu daqui em corpo... Ora, deve, então, ter prestado socorro em espírito!

Soube-se, desde então, que muitos dos aflitos que, de lugares distantes, diziam ter sido socorridos por Fabiano de Cristo, eram atendidos por ele em momentos de desdobramento espiritual.

16

AGONIA MATERNAL

Era madrugada.

No subúrbio, em ermo e triste barraco, que só o luar iluminava, sobre panos velhos no chão batido de terra, agonizava Joana, rodeada pelos seus pequenos e assustados filhos

Olhos tristes.

Face macilenta, renunciando a morte.

Na luta do cotidiano, era a heróica mãe de três esqueléticas crianças que raramente

podiam partilhar de um prato quente de sopa.

A quem deixá-las? — indagava-se entre doridas lágrimas.

Se até agora, quando dispusera de magras forças para o trabalho honrado, não pu dera provê-las com o alimento necessário, sem ela, quem poderia socorrê-las?

Estava entre ansiedades e agonia. Lágrimas sulcam a sua face.

Na pouca luz de consciência que lhe sobrava, eleva uma súplica para o Mais-Alto, rogando que não deixasse em tão completo abandono aquelas suas tristes aves, pedaços de seu amargurado coração.

Avançava a madrugada e a morte parecia avizinhar-se.

Ela luta contra o inevitável.

De manso, abre-se a porta de sua moradia.

Um ancião ali adentra, aproximando-se de sua cabeceira.

Abaixa-se e enxuga-lhe as lágrimas e o frio suor.
— Joana, descansa o teu coração aflito.
— Meus... filhos! — sussurra ela, deitando-lhes o olhar.
— Tranqüiliza o teu coração!
— Eu morro... — Voltarás à grande casa do Pai Celestial, de onde velarás por eles?
— E quem, aqui, lhes dará o necessário?
— Confia em Deus!
Joana entrefechou as pálpebras, mais calma.
— E quem é você, divino mensageiro?...
Fabiano de Cristo, que o Senhor te enviou para acalmar-te.
Joana suspirou, quase venturosa. E não mais resistiu!

17

NA ENFERMARIA

Fabiano foi transferido para trabalhar na enfermaria.
Embora não enfermeiro, a sua notável dedicação no atendimento de enfermos serviu de referência para que os seus superiores o destacassem para esse novo posto.
Numa noite, seu superior o procura.
— Onde está Fabiano? — pergunta já quase dentro da enfermaria.
— Ali no canto... dormindo!
— Valha-me Deus! — exclamou o superior.
Dirige-se, portanto, para o canto indicado, encontrando Fabiano, entre dois leitos,
encostado à parede, rendido a sono leve.

— Acorda, Fabiano — chama o superior, em surdina.
— Perdoa-me, senhor — desculpa-se Fabiano, levantando-se com alguma dificuldade, trazendo nos olhos sinais evidentes de fadiga.
— Tens uma cela, onde te busquei! Que fazes aqui? Achas justo dormir na enfermaria?
Fabiano indica, com um olhar, os dois leitos.
— São doentes em estado grave! Podem acordar em aflições e requerem muitos cuidados. Resolvi, por isso, não me afastar muito deles.
— Sei que já há várias noites fazes o mesmo.
— É que eles ainda não se recuperaram. Meu coração me manda assisti-los. Além de enfermos do corpo, sofrem da alma, a dor de seus familiares os terem abandonado.

O superior não se conforma.

— Já tens a tua própria saúde comprometida, Fabiano, e assim fazendo a comprometes muito mais, abreviando teus dias.

— A minha vida é desvaliosa, senhor. Mas, a destes homens é muito preciosa. Como não sei a arte da enfermagem, tenho de doar-lhes o coração, para que o Senhor Jesus lhes dê o medicamento necessário.

— Tu te tornas até impertinente, pela tua dedicação.

Humilde, Fabiano lhe diz:

— Faço por eles o que me diz Jesus.

— E quando Ele te disse alguma coisa, a ponto de te desleixares de ti mesmo?

Fabiano aspira e olhando os doentes diz:

— Jesus disse que é o doente que precisa de remédio. E como não me sinto doente, mas estes homens estão enfermos, eu aqui permaneço com o único remédio que lhes posso dar, em nome de Jesus: a prece pelos enfermos. E, como não sei quando o Senhor chegará com o remédio, não posso me ausentar.

Sacudindo a cabeça, o superior se retira, sem admoestá-lo.

18

A MULHER DE MÁ VIDA

O alarido foi grande.

Perturbara, de algum modo, a calma do convento, despertando a curiosidade de muitos dos internos da enfermaria. E, também, trouxera a presença de muitos dos irmãos da ordem franciscana para acompanhar e participar do jogo de opiniões.

— De modo algum! — afirmava candente um dos freis. — De modo algum poderemos deixar essa mulher entrar.

— Ela é apenas uma menina, prisioneira do medo! Por que temer uma criança? — contra-argumentava Fabiano. — Ela pede amparo e requer cuidados. Não podemos ser indiferentes à dor e, ao mesmo tempo, à esperança!

— Ela, porém, é mulher de má vida!

Fabiano, calmo, indagou:

— E que fez Jesus, diante de Madalena? Acaso a enxotou, em nome da preservação das aparências da virtude? Ou lhe ofereceu braços acolhedores?

— Ora, Fabiano... Estes teus argumentos não se aplicam neste caso. E não somos o Cristo!

— Todas as Madalenas, um dia, têm o seu primeiro dia de encontro com a Luz Divina da verdade. E, se verdadeiramente não somos o Cristo, não temos a obrigação de imitá-lo?

— O povo estará contra nós...

— Jesus, também, estava diante dos fariseus incompreensivos. Mas, entre os maledicentes e o bem, o Mestre consagrou a virtude. Não crês que devamos fazer o mesmo?

A jovem infeliz foi admitida na enfermaria para tratamento, mesmo contra a vontade do próprio superior, que se rendeu diante da brandura de Fabiano.

E Fabiano passou a ser o responsável por ela.

— Filha, — diz para a jovem assustada — sabes que tens Jesus a teu favor. Fazemos tudo para sermos dignos d’Ele, honrando o nome desse Benfeitor Divino, que te abriu a porta desta instituição.

A jovem, acolhida entre censuras, mas suportada pelo carinho de Fabiano de Cristo, e que fora introduzida na existência pelos porões mais dolorosos, sabia tão-só derramar lágrimas de dor e reconhecimento.

Ela, afinal, tudo afrontara para estar ali.

Sabia que a enfermidade que a consumia somente seria abrandada se fosse medicada pelo “pai dos pobres e dos infelizes”. E tinha fome de amparo espiritual. Censurava-se, silenciosamente, porém, por ter constrangido tanto Fabiano, diante de seus irmãos de ordem religiosa.

Apenas Fabiano lhe prestava assistência.

Os demais, passando ao largo, dirigiam-lhe olhares de censura, como que temendo o contágio de alguma moléstia perigosa e que levasse à morte espiritual.

Assim, os dias foram passando.

Por ação de uma força sobre-humana, porém, os traços fisionômicos daquela jovem foram destacando uma candidez acentuada. Havia inocência em seu olhar. E, com isso, o clima de oposição se diluía em grande parte dos que colaboravam na enfermaria.

Ela parecia uma grande vítima de circunstâncias!

Num momento, o próprio superior da ordem se rendeu.

Ele foi a seu encontro, para ouvi-la.

— Sofres menos? — começou ele timidamente.

— Quase nada. . . — diz ela, de olhos reluzentes. — Quero rogar que me perdoeis, pelo mal-estar que vos causei. Mas, me sinto compensada por tudo...

— É que buscavas a saúde e a encontraste.

— Não apenas isso! Mais que a saúde física, eu buscava o amparo de um pai compreensivo que nunca conheci. E, sabia, e o encontrei no coração de Fabiano de Cristo! Eu queria encontrar os caminhos da vida digna... e não tinha, em mim mesma, forças suficientes! Em Fabiano, recebi o que de mais necessitava.

E o entendimento seguiu entre os dois.

— Fabiano me comparou a Madalena! Quem é ela, senhor?

— Madalena... filha... era uma mulher oprimida por muitos espíritos malignos! E levava uma vida mundana. Um dia, porém, o caminho dela se cruzou com o do Cristo. E o grande amor do Mestre Jesus cobriu a sua multidão de pecados.

— Ela..., se redimiou? Teve oportunidade de vida nova?

— Ela aceitou a virtude como sendo a própria vida e, a partir daí, dedicou-se inteiramente ao bem. Ela se tornou o exemplo daquelas que se vencem, contra todas as descrenças e todas as incompreensões humanas!

— E Fabiano...

— Fabiano, filha, creio agora, pode ser o Cristo de tua vida.

Este diálogo permaneceu apenas entre os dois.

No dia em que a jovem deixava a enfermaria, já recuperada, revelava-se radiosa de uma estranha e inusitada beleza espiritual.

Ela beijou, comovida, as mãos de Fabiano,

— Jamais te esquecerei, pai de meu novo coração! — diz-lhe a jovem, diante d'aquele ar paternal e carinhoso com que Fabiano a envolvia, enquanto se indagava de seu futuro.

E, de súbito, ela se ajoelha diante de Fabiano e, com seus longos cabelos, limpa-lhe os pés descalços de franciscano pobre, lavando com suas lágrimas os pés do “pai dos pobres”.

— Filha, — diz-lhe Fabiano, erguendo-a em seus braços — longo é o teu Calvário. Mas se perseverares e se tens bastante e puro amor, roga a Madalena que te ampare. Nascerás para a luz e Deus estará contigo! Jesus te amparará...

Fabiano não soube, porém, que para os olhos daquela jovem, ele representava o próprio Cristo que, a quem muito pecara e se arrependera, se desdobrava em muito amor.

E aquela Madalena voltou ao encontro dos desafios de uma vida nova. E a caridade, com que fora acolhida, passou a inspirar-lhe todos os seus atos de uma existência renovada para o bem.

A CURA DO GOVERNADOR

— Que é que o senhor quer, frei? — perguntou a serviçal, assim que, abrindo a porta, se deparou com aquele quase maltrapilho homem.

— O Governador..

— Ele está doente e não pode atender ninguém!

— É que..

— Volte outro dia! — e fechou a porta.

Tudo se encerraria ali se, naquele instante, um familiar do Governador Gomes Freire de Andrade não comparecesse em cena.

— Que se passa?

— Um frade queria incomodar o Governador e o mandei embora!

— Ora! Deus! Devia ser o Fabiano de Cristo que mandamos chamar. Corre trazê-lo de volta! E nossa última esperança.

A serviçal, algo assustada, disposta a desculpar-se com Fabiano, a quem conhecia apenas de nome, corre abrir a porta para alcançá-lo e trazê-lo de volta... e o encontra ali mesmo, pacientemente à espera.

— Graças a Deus! — diz ela constringida.

Fabiano lhe sorri com ternura.

— Entre, frei Fabiano... e me perdoe!

— Zelavas pelo teu amo e teu zelo revela a fidelidade e a preocupação de teu coração. Que o Senhor Jesus encontre, também, servidores tão solícitos para a sua vinha!

Nos aposentos íntimos do Governador, um familiar se detém a historiar a luta dos médicos contra a febre maligna que, segundo a ciência, seria mortal para Gomes Freire. Todos os recursos da medicina já tinham sido utilizados e, agora, só restava, segundo os médicos, esperar o fim.

Fabiano contempla o enfermo desacordado e gemente.

— Traga-me água! — pede, enquanto assenta no leito, sentindo o calor ardente da febre que devorava o Governador.

Uma jarra d'água à cabeceira.

Fabiano umedeceu os lábios do enfermo com a água.

Filho, — diz Fabiano, dirigindo-se ao doente — aqui estou em nome do Senhor da Vida. Tens ainda uma longa tarefa a desempenhar. Trago-te, em nome de Deus, a certeza da saúde física, para que edifiques o bem, onde estiveres.

Fabiano entra em oração silenciosa.

Com a mão sobre a fronte do Governador Gomes Freire, ele invoca a misericórdia divina a favor do doente, pedindo pelo seu restabelecimento,

transmitindo-lhe, pela mão, os influxos da saúde. Relembra a dedicação daquele homem público aos desvalidos e relembra o seu coração magnânimo.

Em alta voz, Fabiano diz que aquela hora é de exaltação da Providência Divina, para que quem governa os homens, saiba que desempenha uma missão delegada por Deus.

Escoam algumas horas de orações e palavras de ânimo.

Num momento, porém, o doente se acalma.

Abre os olhos!

Olha os familiares à sua volta e demora-se em Fabiano.

Já sem febre, senta-se no leito, para espanto geral.

— Vamos servir um caldo quente ao nosso Fabiano! — diz, num tom de familiaridade e alegria.

E põe-se a conversar, muito atencioso e grato, com Fabiano, indagando de suas andanças pela cidade, no amparo aos pobres e aos enfermos.

Fabiano beija-lhe as mãos, agradece e retira-se!

20

A PERNA DOENTE

Fabiano estava com erisipela nas duas pernas.

A sua perna esquerda, mais que a outra, além de extremamente inflamada, era aberta em dolorosa chaga. Vertia muito pus e desprendia um forte mau cheiro.

Ele a trazia envolta em panos.

Nas crises fortes, ele próprio fazia curativos dolorosos e trocava os panos com que enfaixava as pernas, várias vezes por dia, para não incomodar os outros com o forte cheiro que exalava.

O seu superior, conhecendo de seu silencioso martírio, após solicitar o auxílio de um dos médicos, dirigiu-se a Fabiano.

— Amanhã, serás medicado. — Tenho muitos doentes graves! — contrapôs Fabiano docemente. — E não posso deixá-los sem cuidados! E eu tenho um doente muito grave e que és tu, e não te deixarei sem cuidados, irmão Fabiano.

— Mas... uma ordem que te dou! Não te rebeles contra a minha autoridade. Cumpro, afinal, um dever que já me fizeste protelar muitas vezes. Fabiano

baixou a cabeça obediente. — Amanhã, serás medicado, meu filho!
Também és filho de Deus!

Aquela noite foi um desassossego para Fabiano.

Após todas as atenções dispensadas aos doentes internados na enfermaria, viu-se Fabiano retirar-se, já madrugada, para a sua cela do convento.

Ouviram-se os sons abafados de uma ardente súplica.

Quando o sol já estava claro, o médico convocado para fazer os curativos nas pernas de Fabiano, estava junto ao leito que lhe fora destinado na própria enfermaria.

Pela cor do pus, que se impregnara nos panos velhos que envolviam a perna esquerda, o médico deduziu sobre o estágio avançado e precário e do odor nauseante que dali adviria.

Com cautela, e alguma repugnância, removia os panos. À medida, porém, que desenfaixava a perna, surpreendia-se com o perfume de rosas que lhe chegava às narinas.

Fez curativos dolorosos!

Após terminado o trabalho, retirou-se para prestar informações sobre o estado da perna de Fabiano. E, por consequência, o superior do convento se aproximou apreensivo do leito em que Fabiano ainda repousava.

O superior certificava-se do aroma de rosas.

— Que fizeste, Fabiano? O médico crê que encharcaste as feridas com alguma coisa estranha!

— Eu...

— Não negues, que sinto o perfume por toda a enfermaria!

Contristado, Fabiano silenciou.

— Valha-me Deus! Teria o céu te perfumado?!

Envergonhado, Fabiano balbuciou:

— Não desejando que o mau cheiro de minhas pernas infetasse a mão do médico que me prestaria socorro, esta madrugada roguei a Jesus que poupasse o médico da podridão de meu pobre corpo.

“Que Deus me perdoe, pela minha vaidade!”

E as lágrimas desciam de seus olhos, em meio ao perfume de rosas que perduraria por todo o dia, envolvendo a enfermaria e todo o convento.

DESMASCARANDO FABIANO

— Ele criou fama, mas é um tolo ingênuo ou, então, um grande enganador — sentenciou frei B..., a outro de seus irmãos.

— O mais que dizem é fantasia. Tu sabes o poder imaginoso da credice! O outro de algum modo concordou com o parecer sobre Fabiano de Cristo, que tanta gente simples buscava no convento.

— O povo tem fome de milagres — aditou B...

— Por certo que sim!

— E o Fabiano não faz por menos. Deixando-se envolver pela credulidade dos fanáticos, aparentemente faz tudo o que lhe for pedido.

— Talvez não seja bem assim... Pode ser mais ingenuidade do que malícia! Pois vou mostrar-te. Pedirei a ele que atenda alguém que nem existe e verás que ele voltará com notícias de que atendeu.

E se assim falou, mais rápido o fez.

— Olha, irmão Fabiano, — dizia B.. com fingido interesse — trouxeram notícias de que ali está caída uma mulher e que deves socorrê-la, já que todos passam ao largo.

— Eu irei de imediato — assegurou Fabiano, partindo a arrastar a perna enferma pela ladeira abaixo, com muita e dolorosa dificuldade.

Os dois observavam.

— Não te disse? — falou B..., tão logo Fabiano se afastou e completou com ironia:

— Ele vai e, não demora muito, nos dará informações fantásticas, nascidas de sua imaginação fértil de um antigo homem de negócios.

Algumas horas mais tarde.

— Ei-lo de retorno! — diz B... e, dirigindo-se a Fabiano, que se locomovia com dificuldades, perguntou-lhe: — Prestaste assistência à mulher, irmão Fabiano?

— Oh! Sim! A pobrezinha estava em desespero e ferida...

B..., que forjara a farsa, olhou maliciosamente para o seu companheiro de trapaça, como quem vai desmascarar afinal um impostor.

— E ela sofria muito?

— Sofria, coitadinha, O que mais lhe doía, porém, era não ter chegado até aqui. Após prestar-lhe assistência, pedi o auxílio de algumas pessoas bondosas e a levamos para uma hospedaria.

— Não me diga! — exclamou B..., pleno de ironia. — Pena que não estivéssemos lá, para ajudar-te!

— Se estivesse lá, me pouparias de um incômodo! É que, tão logo a acomodamos na hospedaria, ela me encarregou te trazer-te uma correntinha de prata.

E, ante o espanto de B..., Fabiano lhe estende a mão:

— Ela me disse que é tua e que te ia trazê-la!

O frei B..., contempla a correntinha, pálido.

— Esta..., corrente... — balbucia.

Fabiano, sem aperceber-se do espanto de B..., completa a informação descrevendo a senhora a quem prestara socorro e repete algumas expressões de carinho que ela endereçara ao frei B...

— Ela é tua parenta? — indaga Fabiano, carinhoso.

— Essa... mulher,.. é minha mãe, Fabiano! E ela, há dois anos... é morta!

— Pois ela vive e segue a te amar! — complementou Fabiano com naturalidade, aumentando ainda mais o espanto dos dois ouvintes curiosos. E ele voltou para a enfermaria, onde trabalhava agora.

22

O SEGREDO DAS CURAS

O doutor Fortes era médico generoso.

Interessava-se pelos doentes, fosse qual fosse .a sua condição social.

Amparava do senhor ao último dos escravos, sem nenhuma distinção.

A técnica precária da medicina, na época, porém, quase sempre o colocava em desvantagem diante das enfermidades rebeldes.

Ôlinicando, também, na enfermaria do Convento de Santo Antônio, desde há muito passara a observar aquele enfermeiro Fabiano de Cristo, que vencia onde ele se sentia derrotado.

Daquelas mão dedicadas, vira doentes sem esperança saírem recuperados e retornarem à vida comum, sem sinais das doenças que deveriam tê-los vitimado.

Deveria haver, ali, algum segredo - conjeturava muitas vezes. E certo de que esse segredo existia, disfarçadamente inspeciona-va a cada um dos atos de Fabiano.

Talvez tudo estivesse na água!

Sim! É que a cada doente em estado grave, Fabiano ministrava uma porção de água. E até para aqueles portadores de feridas graves, ele aplicava gotas d'água na região enferma, provocando miraculosamente a reversão do quadro e obtendo cicatrizações espantosas.

Fortes queria dominar aquele conhecimento.

- Há dias te observo trabalhando na enfermaria, Irmão Fabiano! - irrompe o médico, após Fabiano de Cristo haver distribuído porções d'água a diversos internados. - Por mais que queiras negar, colocas nessa água algum recurso medicamentoso que desconheço.

O interpelado sorriu candidamente.

- Nada faço, que qualquer um outro não possa fazer, doutor!

- Desculpe-me, porém não creio! Afinal, eu te trouxe dois doentes irrecuneráveis, segundo os meus recursos médicos e, três dias após, ei-los refeitos e a te ajudar! E vi que nada lhes deste além de água.

O médico insistia:

- Se guardas avaramente teu segredo, lembra-te de teu dever de humanidade! Muitas outras pessoas poderiam retornar à normalidade da saúde, se me revelasses o teu conhecimento misterioso.

Fabiano, visivelmente constrangido diante do doutor Fortes, foi direto e incisivo:

- Doutor, apiedo-me e muito diante de cada um que sofre. Eles chegam aqui e nada sei de enfermagem! Como socorrê-los? E, querendo minorar as suas dores, apanho as canecas com água e faço as minhas orações, para cada doente em particular.

E, diante do médico admirado, complementou:

- Sabendo que a vida vem de Deus, rogo ao Pai de misericórdia que abençoe a água que Ele próprio criou e que nela dê o seu sopro de vida, como dá à vida inicial ao homem.

Houve uma pausa longa, quebrada pelo reticente médico:

- E ... ?!

- E sabendo que o Pai atende a todas as súplicas desinteressadas, sei que a água se transforma num santo remédio. O que Deus coloca nela, nunca perguntei! Só sei que, com muito amor e muita fé, vou ministrá-la aos doentes, em nome de Jesus Cristo!

O doutor Fortes estava sem fala!

- Se o senhor fizer isso, doutor - complementou Fabiano - Deus por certo te atenderá, pois Ele me ouve a mim, que sou ignorante e pecador, e mais te ouvirá pelas tuas virtudes.

Sabe-se que, algumas vezes, o doutor Fortes foi visto dando pequenas porções d'água a escravos enfermos!

PROFECIA DE FABIANO**14 de outubro de 1747.**

Fabiano bate à porta do superior do convento.

Diante dele, tranqüilamente diz:

— Senhor, partirei dentro de três dias! Antes, porém, quero que me dê licença, para despedir-me dos amigos que mais sofrem.

— Partirás?! — balbucia o superior, ante o inesperado anúncio, pressentindo que Fabiano falava de sua própria morte. — Estarás sempre conosco, Fabiano.

— Guarda-me em teu coração e ora por mim!

O superior, profundamente entristecido, nem sequer ousou querer desfazer o doloroso clima que imediatamente se estabeleceu.

Acompanhou aquele velhinho, já com mais de setenta anos, que se lhe fizera irmão e amigo. Da porta do convento, vê-o afastar-se, arrastando-se dolorosamente, apoiado no bordão.

— Que tens, senhor? — pergunta-lhe um dos irmãos da ordem, vendo-lhe os olhos lacrimejando.

Contemplando Fabiano, que se distanciava, respondeu:

— Deus... chama... as suas aves para os céus!

Instintivamente, o outro compreendeu a alusão.

Não demorou muito, todo o convento estava em alvoroço, ferido e alarmado pela notícia de que o venerável velhinho, que a todos acalentava com a sua ternura, anunciara o seu regresso para a Casa de Deus, dali a três dias.

Ninguém pôs dúvida, sobre o que ele anunciara.

Muitos já choravam a sua ausência, discretamente, orando ao Pai para que não o retirasse tão já daquela comunidade cristã.

Fabiano, na cidade, abraça-se a corações amados, em despedida.

Demorava-se, porém, muito mais junto de todos os aflitos, levando-lhes palavras de conforto, de esperança e de fé.

Acreditavam que ele iria viajar.

— Que faremos nós — clama uma velha lavadeira — enquanto estiveres ausente, meu pai?

— Estarei contigo, se orares por mim! No mundo de Deus, só o ódio abre distância entre as criaturas. Os que se amam, porém, por mais longe que estejam, estarão sempre próximos em Jesus.

15 de outubro de 1747.

Fabiano, na enfermaria, alenta ânimos desfalecidos.
Pensa chagas abertas e sorri, em doce e terna alegria, na despedida aos doentes, que sabia próxima.
Beija crianças.
Afaça velhos esbatidos pela dor.
Encoraja os que choram.
Ampara os desesperançados.

16 de outubro de 1747.

Não há uma só cela ocupada, no convento.

Todos, sem exceção, entram, de dois a dois, na cela em que Fabiano se recolhera, balbuciando, entre lágrimas, confissões de eterno amor fraternal. Já quase madrugada, o superior se inclina no ombro amigo de Fabiano e, qual se fosse um filho diante de um pai extremamente amado, chora soluçante.
Fabiano afaça-lhe os cabelos e o tranqüiliza.

A pedido, deixam-no só.
O convento se torna um amplo oratório. Onde há uma só pessoa, há uma prece ardente. Onde havia um coração que antes rogava por si mesmo, agora há uma alma rogando por Fabiano de Cristo.

17 de outubro de 1747.

Fabiano de Cristo desencarnara!
A notícia se espalha pela cidade e todos se comovem.
Imensa romaria toma a direção do Convento de Santo Antônio.
O Governador Gomes Freire de Andrade, assim que informado do acontecimento, abandona todos os seus afazeres e dirige-se, de imediato, ao convento. É quase o primeiro a entrar na câmara mortuária. Aproximando-se do corpo de seu admirável benfeitor, vê aqueles pés descalços pela humildade e que palmilharam pela cidade levando ânimo a tantos desfalecidos e infelizes.
Ele se curva e beija-lhe os pés, lavando-os com suas lágrimas.
No ar, abre-se um inebriante perfume de rosas, como que envolvendo a cada alma em infinito amor.
O pai dos pobres despedia-se!

NO GRANDE DIA

Fabiano, no dia em que ele próprio anunciara, dera seu último suspiro. Desenfaixara-se de seu corpo carnal, com a serenidade do obreiro que cumprira a derradeira etapa de atividades e que retornaria para o seu lar com a consciência tranqüila.

Voltava, assim, à Pátria Celestial.

Sente-se leve e transportado às alturas.

Ao longe, divisa uma multidão que vem a seu encontro.

São corações que, entoando hinos de exaltação ao Pai Celestial, vêm recebê-lo na gloriosa estação de chegada, acenando com palmas e recamando o solo espiritual de rosas.

Olhos marejados, arrasta-se por uma alameda margeada de criaturas amadas que conhecera na Terra e que reconhece nesse extraordinário reencontro. Vê fisionomias felizes, de antigos aflitos que atendera no convento, e que lhe enviam beijos pelos ares, entre cânticos e músicas de saudação.

Alguns dos irmãos do convento, também lá estão.

Um deles se adianta e retira-lhe o bordão, onde se apoiava.

Fabiano se desembaraça de seu apoio, sem mais necessitá-lo.

Mais adiante, uma pequena comissão, igualmente engalanada, de almas eleitas e virtuosas o aguarda. E, dentre elas, destaca-se Francisco de Assis, o pobre de Deus, que o abraça com intraduzível amor.

— De retorno à Casa Paterna — diz-lhe, enquanto Fabiano instintivamente ensaiava ajoelhar-se. — Levanta-te, que te levo ao Senhor e somente diante dele te debes render

Caminham para um horizonte de estrelas.

Quando param, destaca-se uma fulgurante Cruz, que se aproxima daquele reduzido grupo de almas.

A comissão afasta-se e fica somente Fabiano.

— Filho, — diz a Voz divina, transfigurando-se a Cruz no próprio Mestre — recebes hoje a Coroa da Vida, que meu Pai reserva aos eleitos de seu Reino, por teres perseverado no bem até o fim.

Aí Fabiano não resiste de emoção e cai de joelhos.

Em pranto convulsivo, sente-se pequeno demais, apagado demais, para viver aquela visão e aquele momento extremamente sublime.

Sente a mão divina roçar-lhe o ombro.

—És benvindo ao Reino do Pai, Fabiano! — E, de cabeça baixa, ele ouve o Senhor dizer-lhe: — Podes, agora, escolher o mundo feliz a que tens direito de ingresso!

No silêncio sideral, há melodias.

A brisa é encantadora.

As flores são gotas coaguladas de luz.

Pássaros revoam sobre a sua frente.

— Diz-me, filho querido, aonde queres estar, a partir deste momento em que te libertas do jugo compulsório da carne?

Fabiano sente a gravidade daquele minuto.

Contendo-se na emoção, considera aquela hora tão decisiva para o seu futuro. Revive os instantes em que, quando na Terra, aspirava por um Plano Espiritual superior, mais elevado, assim como um exilado que suspirava pelo retorno à terra que lhe falava ao coração oprimido pela saudade.

Lembra-se, porém, de todos os dementados que conhecera.

Conhece-lhes as angústias.

Ouvia, nas reentrâncias de suas recordações, aquelas vozes marcadas pelas angústias e pelas revoltas que, no entanto, se rendiam ante os anúncios das esperanças da caridade vivida.

Quantos deles existiriam ainda?

Ajoelhado, como estava diante da luz que não ousava contemplar, e de onde lhe viera o convite para ingressar num mundo feliz, entre lágrimas e humilde, diz:

— Senhor! Recordo-te em teu último dia de martírio, quando nos trouxeste a Verdade do Pai. Da Cruz, onde estavas entre a Terra e o Céu, derramaste o teu olhar amoroso sobre os homens que te flagelavam e que se obstinavam no mal. Rogaste, então, a teu Pai de Misericórdia, que os perdoasse, porque não sabiam o que estavam a fazer.

“Desde, então, Senhor, aquelas tuas palavras me soaram como um convite permanente para a obra da regeneração daqueles que te perseguiram e te feriam, mas que eram amados de teu coração.

Querias libertá-los das prisões da ignorância e das trevas do mal, trazendo-os à luz do Eterno Bem.”

Fabiano, mais humilde ainda, completa:

— Por isso, Senhor, se me é dado escolher entre um mundo feliz e este doloroso vale de lágrimas, permiti-me, Senhor, ficar próximo daqueles que ainda não conhecem as bênçãos das lágrimas e do arrependimento. São esses os que sofrem, sem o saber e, por isso, concedei-me ajudá-los, para que eles também possam soerguer-se e se confiarem à tua divina diretriz.

“Deixai-me, Senhor, como um porteiro de tua Mansão!”

E, desde então, Fabiano de Cristo ergue, sob o amparo misericordioso de Jesus, dentro dos campos da espiritualidade infeliz, casas em que os egressos do mal tenham um pouso para transitar entre as sombras do passado e as luzes eternas do porvir.

PÁGINAS ESPIRITUAIS INSPIRADAS POR FABIANO DE CRISTO

I - ACOMPANHA-NOS

Se o Mestre é a meta que elegeste para esta tua existência, abraçamos a teu coração generoso por aspirares o melhor para a edificação de tua vida.

Lembra-te, no entanto, que o Senhor aguarda os teus esforços no bem para chegares até Ele.

Se te animas a seguir as pegadas divinas, lembra-te da necessidade de empreenderes, por uma decisão de tua vontade, toda uma reformulação de hábitos de criatura do mundo, abandonando os ninhos de tua preferência e ires após Ele.

Eis que o Mestre te chama para uma longa caminhada, pelas sendas da caridade, como a dizer-te que a vida é sinônimo do movimento de amor, porque o amor é a essência da própria vida.

Siga, pois, para a conduta que mais convém para edificares a tua nova vida, libertando as tuas energias mais edificantes na prática da caridade moral.

Segue-me, convoca-te o Senhor da paz e da felicidade, como a te alertar para não estacionares nos quadros enganosos do mundo, uma vez que aqueles que estacionam terminam por elevar na Dor a companheira permanente.

Se não sabes como conduzir-te, acompanha-nos, que já formamos uma caravana que demanda ao infinito, vivenciando a caridade, quando colocamos os pés sobre as pegadas do Senhor, distribuindo amparo e esperança a todos os aflitos.

Acompanha-nos, sendo mais um que se incorpora no bem, porque o Senhor nos espera, justamente ali onde a dor fez cair mais um irmão nosso, nas lutas da evolução.

II - POR QUE CHORAS?

Se a vida te convida ao exercício da renúncia, por que choras, sem reconhecer a bênção da lição e do refazimento?

Se o companheiro não te interpreta ajustadamente os propósitos, por que choras, sem nele reconheceres o irmão carente de ajuste e reajuste que o destino te deu para edificar?

Se os choques familiares te levam a repensar sobre as tuas convicções nascentes, por que choras, perdendo de recolher o estímulo para que reveles o crescimento de tua convicção?

Se o trabalho te fere e te angustia, com as suas exigências de disciplina sempre renovada, por que choras se devias interpretá-lo como as leis de Deus em teu benefício?

Se te comparecem os filhos com ingratidão e exigências despropositadas, por que choras, se são as tuas vítimas que retornam à porta de teu coração, rogando-te por paciência e reeducação?

Se a criatura enferma, o homem faminto, o delinqüente contumaz, a velhinha esclerosada te rogam a toda hora, por que choras, aspirando por campos novos e vida mais ampla, se todos eles são uma singela parcela do Senhor da Vida que te levam a garimpar na lama de tua alma, para que descubras o ouro na bateia da caridade redentora?

Por que choras por ti, quando seria edificante que chorasses por todos aqueles que, de tanto multiplicar os próprios sofrimentos, hoje se sentem incapazes de verdadeiramente derramar as lágrimas da resignação que lavam a alma e fecundam as sementes da própria alma, traçando as sendas redentoras?

Não chores por ti, para que não te afogues na dor-fantasia, no sofrimento fictício, na ansiedade que consome e extingue os dons da verdadeira Vida. Se lágrimas tens, converta-as em gotas de suor, a banhar-te as faces nas tarefas do próprio bem e só, então, poderás seguir com a cruz de teu passado em busca de um futuro de luz.

III - SE QUERES, VENHAS

Estamos contigo! Se te conflitas com o mundo, aspirando a vivenciar o bem, diante do mal que se te antepõe a cada passo, recolhe-te nos braços do Senhor Jesus, em busca das forças que te faltam.

Não esmoreças, porém, no campo da fé, seja qual for o obstáculo que se erga entre ti e teu companheiro, entre ti e teu próximo ou entre ti e teu

inimigo.

Ergue a bandeira sublime da caridade que tudo pode e tudo faz e segue adiante, sob o amparo da Misericórdia Divina.

Já te vimos, sim, noite a dentro, a chorar no silêncio de teu coração e a rogar por ampáro e compreensão diante de atrozes sofrimentos.

E por te ver em oração sempre estamos a te dar as mãos, porque na grande caravana que se vai deste para planos superiores, tu és parte e estás contado entre os que se recolherão à direita do Pai, se até o final desta existência, te doares, sem condições particularistas e sem interesses pessoais, no campo do bem.

Já vives com o céu dentro de ti, em cada instante em que te dás ao que sofre e tens o céu em teu coração, para fazeres de teus braços os instrumentos de Jesus na corporificação da caridade.

Vem, pois! Segue após os nossos passos, porque estamos a movimentar-nos na direção do Mais-Alto e tu irás conosco debaixo da luz da bandeira do Amor que cobre a multidão de pecados.

Levanta-te e não te deixes abater. Vem, que te damos as mãos para a gloriosa ascense aos pés do sublime Mestre Jesus que te espera junto de cada criatura que caiu em dores na face deste mesmo mundo.

IV - NA ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

Na tarefa de assistência espiritual, que vocês abraçam, para o convívio fraternal, embora momentâneo, com nossos irmãos que se encontram imersos em quadros de intraduzível dor — vocês estão desenvolvendo o dom de expandir os seus espíritos.

Assim é que nasce a luz da alma.

O coração do obreiro, quando visitado pela misericórdia, expande as virtudes do Céu, onde quer que esteja, acordando a esperança e edificando a resignação com a sua presença.

Persistam, pois, nas tarefas redentoras em curso, mesmo que isso lhes exija o sacrifício de seu conforto e das pequeninas coisas tão de agrado de muitos, para que este Plano da Vida se ilumine pelo bem e se consagre, logo mais, por uma estância de paz cristã.

Em cada lar singelo, modesto e sofrido, onde vocês adentram na ação confortadora, levando a mensagem do Senhor, muito mais em seus gestos e em seus atos que nas palavras ou na aparente frieza de um livro — esse lar passa a ser depositário de pérolas preciosas, que significam princípios de Jesus no escrínio dos corações.

Sigamos, pois, com a obra, sem desalento e revigorados de ânimo cristão.

Lembrem-se de que, se por alguns momentos vocês se sentem numa rotina, esfriando-se na manifestação de seu interesse pela tarefa implantada — para nós que os acompanhamos e para a vasta assembléia de espíritos em sofrimento que os observa e para cada lar que vocês visitam, há um ar de festiva esperança pois é o Mestre que retorna à Galiléia de seu coração. A rotina espiritual com o Cristo, filhos, elege-se a degrau de ascensão da Terra para o Céu.

V - NA VIDA

Doa-te ao bem.

Nasces, a cada novo dia, quando despertas para dar amparo a quem vive junto de ti.

Crias, com o próprio Criador, a vida à tua volta, quando deixas que os atos de amor marquem a tua existência.

Cresces, no sentido espiritual da vida, quando te deixas envolver por um clima de tão profunda piedade pelo que sofre, que teus olhos são mares d'água a anunciar um novo tempo de edificação da alma.

Perdoas a quem te fere e segue a abençoar a mão que te feriu, porque sabes que este que te alcançou não dispunha de outra forma de te pedir socorro a não ser te ferindo.

Olhas a família e vêes o teu futuro de atividades intensas para atenderes a todos.

Amas e, pelo amor, Deus te delega o mandato para começares a ordenar na vida, como o Pai Celestial ordena na Eternidade.

Doando-te, receberás o que deres, porque a vida é um espelho que te reflete e que te reproduz, para que sejas amanhã, melhor do que és nesta hora.

Ama e viverás.

Sê caridoso e criarás a vida.